

RUA ISOLETHE AUGUSTA DE SOUSA ARANHA

Lei nº 2376 de 02-12-1960

Formada pela rua 1 do arruamento Ana Fortunato Rosa

Início na avenida Francisco Glicério

Término na avenida Orosimbo Maia

Centro

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Miguel Vicente Cury.

ISOLETHE AUGUSTA DE SOUSA ARANHA

Isolethe Augusta de Souza Aranha, nasceu em Campinas em 29-julho-1867 e aqui faleceu em 17-maio-1957. Era a sexta e última filha de Joaquim Policarpo Aranha e Libânia de Souza Aranha, barão e baronesa de Itapura. Durante algum tempo estudou no tradicional colégio mantido por d. Carolina Krug Florence, completando, todavia, sua educação, em casa, com preceptoras particulares. Isolethe Augusta, conhecida por Iaiá entre os familiares e amigos, tocava piano, especialmente a música clássica dos grandes compositores e tão grande era seu gosto pela arte musical, que organizou em sua casa uma orquestra particular, só de moças, com bandolim, piano e violino. Conquanto não apreciasse os trabalhos e costura e bordado, piedosa que era, bordou em fio de ouro uma linda capa para a imagem de Nossa Senhora Aparecida, santa de sua devoção. A exemplo da música, a leitura era uma de suas predileções, passando horas inteiras a ler. Possuía uma grande biblioteca, muito bem encadernada, mas que perdeu-se com o tempo. Era também exímia doceira. Jamais pretendeu casar-se e com a morte dos pais, assumiu a direção da casa, o belo Palacete Itapura, deixando, outrossim, de frequentar salões de festas e reuniões culturais. No enorme palacete da rua do Imperador - onde hoje se acha instalada a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na rua Marechal Deodoro - onde passou seus dias dividida com a propriedade rural, criou com extremado carinho, energia e bom senso, dezenove crianças, encaminhando-as para profissões liberais e estudos, consoante as aptidões de cada uma, transformando esses seus "filhos adotivos" em verdadeiros cidadãos.

RUA ISOLETHE AUGUSTA DE SOUSA ARANHA



LEI Nº. 2.376, DE 2 DE DEZEMBRO DE 1960
DÁ O NOME DE ISOLETHE AUGUSTA DE SOUZA
ARANHA A UMA VIA PÚBLICA DA CIDADE

CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, TENENTE DO
MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Isolethe Augusta de Sousa Aranha a via pública que tem início na Avenida Orosimbo-Mala e termina na Rua Francisco Glicério.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 2 de dezembro de 1960.

MIGUEL VICENTE CURY
PREFEITO MUNICIPAL

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 2 de dezembro de 1960.

DR. PLÍNIO DO AMARAL
 Respondendo pelo cargo de Diretor
 do Departamento do Expediente

RUA ISOLETE AUGUSTA SOUZA ARANHA



A Mãe Adotiva dá de si muito mais ainda: dedica-se aos filhos que não são seus; sacrifica por eles divertimentos e lazeres; dedica-lhes cuidados; acompanha-os com desvelada ternura, sem nada esperar em troca. Dona Isolate Augusta de Souza Aranha foi uma destas criaturas excepcionais. Pertencente a família opulenta e distinta, de grande projeção social, poderia, se o desejasse, ter desfrutado de todos os bens da vida.

Preferia, ao contrário, a austera simplicidade de vida. E viu passar seus dias, no solar da cidade, ou na propriedade rural, entre trabalhos, preocupações e práticas religiosas. E criou com extremado carinho, com energia e surpreendente bom senso, dezenove crianças, encaminhando-as para as profissões liberais, fazendo-as estudar as que demonstravam aptidões e preparando-as para as mais variadas profissões.

Deus abençoou-lhe os esforços e trabalhos: seus filhos adotivos tornaram-se cidadãos de bens, contentando-se entre eles, Irmãs de Caridade, Missionárias, Superiores de Congregações Religiosas, médicos, engenheiros, escultores, membros de família.

GRANDEZA DE CORAÇÃO

Dona Isolate era a última filha dos Barões de Itapura, cuja generosidade deixou marcas indeléveis nas crônicas de Campinas. Conta Benedito Otávio em suas "Notas Genealógicas da Família", ainda inéditas, e segundo citação da erudita estudiosa Maria Luísa Pinto de Moura Ribeiro, que o Barão era dotado de coração magnânimo e grande generosidade, tendo proporcionado meios de educação e instrução a muitos jovens, que se tornaram notáveis cidadãos graças ao seu amparo.

Refere-se também à grandeza de coração que o levou a abrigar, em sua residência, pobres crianças, viúvas desvalidas e órfãos abandonados. Este exemplar caridoso fez dele, o Nêni Aranha, um dos homens mais conhecidos de Campinas.

ESCRAVARIA

Possuía o Barão de Itapura o maior número de escravos da região. Com a Abolição, os negros não quiseram abandonar o serviço e quando ele morreu, muitos de có, chorando acompanharam o esquife pelas ruas de Campinas.

Segundo pesquisas de Maria Luísa Pinto de Moura Ribeiro, por ocasião do aniversário de dona Isolate, os generosos pais alforriaram as escravas Jesuína e Cândida. Nessa ocasião, João Egídio de Souza Aranha pronunciou algumas palavras que diziam da gratidão de família às duas escravas libertadas. Neste mesmo dia — o ano era 1822 — o Barão ofereceu aos pobres um grande jantar, que foi servido pela Baronesa e seus filhos.

Mais tarde, em abril de 1835, ele deu liberdade a mais cinco escravos.

CIDADÃO BENEMÉRITO

O bom fidalgo tinha espírito progressivo, aberto às novas idéias e aos melhoramentos capazes de beneficiar sua terra natal. As doações que fazia eram de generosidade incomum: a Santa Casa foi sempre lembrada por ele.

Privado da visão por impiedosa catarata, que o vitimou nos últimos tempos, faleceu com 93 anos de idade, no dia de Reis, 6 de janeiro de 1902. O enterro foi a consagração final de uma vida exemplar. O atestado de óbito reza o seguinte:

"Aos 7 de janeiro de 1902, nesta matriz encomendei o cadáver do Barão de Itapura, com 93 anos, casado com D.^a Libânia Aranha. a) Pe. Manoel Ribas D'Ávila. Campinas (Paróquia Sta. Cruz), Livro de óbito 3.º fls."

A Baronesa de Itapura, sua viúva e também sua prima em segundo grau, era natural de Campinas, onde nascera em 6 de novembro de 1829, sendo filha de Francisco Egídio de Souza Aranha e de sua mulher e prima-irmã, dona Maria Luíza de Souza Aranha. Era irmã do Marquês de Três Rios, neta paterna do Alferes Pedro de Souza Campos e de sua mulher dona Maria Francisca Aranha de Camargo, e neta materna do Tenente Coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo e de dona Eufrosina Botelho da Silva.

A virtuosa Baronesa de Itapura faleceu em 1921. Seu atestado de óbito está redigido assim:

"D. Libânia de Souza Aranha — Aos 9 de janeiro de 1921, nesta Matriz, o Revdo. Vigário encomendou o cadáver de D. Libânia de Souza Aranha, com 91 anos de

securificada, a) Vig. Manoel Ribas D'Ávila, Campinas, Paróquia de Sta. Cruz".

(Segundo anotações do Anuário Genealógico Brasileiro, de Salvador Moya — Contribuição do Comendador Dr. Teodoro de Souza Campos)

IAIÁ

D. Isolate Augusta de Souza Aranha Jáia, para os seus casa, foi a sexta filha dos Barões de Itapura, nascida aos zessete anos após seu último irmão, em 2º de julho de 1867 e falecida em Campinas em 17 de maio de 1957.

Os que a conheceram de perto excedem-na com profunda saudade e terno respeito. Esta reportagem pretende complementar os dados pessoais, caracterizando devidamente uma veneranda e distinta senhora, filha adotiva de D. Isolate. Iaiá era alta, enérgica, de talhe fino, caridosa em extremo e de uma tocante humildade. Estudou durante algum tempo no conhecido colégio de D. Carolina Florêncio; mas sua educação completou-se em casa com preceptoras particulares.

Inteligente piano, esportilista, as clássicas e tão grande era seu gosto pela música, que organizou em casa uma orquestra particular, só de moças, com bandolim, piano e violino. Não gostava muito de trabalhos de agulha, mas piedosa e esmeradamente, bordou em lã de ouro uma linda capa para a imagem de Nossa Senhora Aparecida, dama de sua devoção.

A moça preferia de ler, deitada na rede, durante horas inteiras. Possuía boa biblioteca, lindamente encadernada, a qual se dispersou por empréstimo e perdeu-se. Seria interessante conseguir reaver ao menos alguns volumes, para reconstituir o tipo de leitura das jovens educadas e distintas da época.

Boa doceira, Iaiá era, isto sim. E gostava de ir ver o ponto das tachadas de goiabada e marmelada, que as cozinheiras, laboriosamente, preparavam. Batia bolos, fazia fios-de-ovos e bons-bocados. Era, enfim, uma graciosa e inteligente moça, de coração adorável, reto e bom. Mas não era bela. E embora tivesse tido muitos e bons pretendentes não quis se casar.

A morte dos pais transformou-lhe os hábitos, fazendo-a ainda mais caseira. Raramente saía; nunca mais frequentou os salões do Cultura; as responsabilidades do solar opulento e das outras propriedades começaram a pesar-lhe nos ombros.

A VIDA NO SOLAR

O Palacete Itapura, segundo dados fornecidos por Maria Luíza, foi construído em 1880-1883, em grande área de terreno, indo da rua do Imperador n. 23 (atual Marechal Deodoro) até o Canal do Saneamento.

Pela solidez de construção, beleza arquitetônica, tamanho e grande luxo é ainda um dos mais grandiosos palacetes dos tempos idos em nosso Estado. Construiu-o o engenheiro Luiz Pucci. Festivamente inaugurado em 1883, possui rez-do-chão, primeiro e segundo andares, e no alto, um belo mirante. Imponentes são suas colunas e os soberbos leões de cantaria da entrada. Heráldicas as famosas palmeiras imperiais.

O edifício além das dependências principais, possuía outras, secundárias, antigas cocheiras. Pomar e jardins revelam, ainda hoje, o primoroso trato de outrora. Mármore, mosaicos, madeiras de lei, salões ricamente decorados, vestibulos, enormes quartos fizeram deste solar a moldura digna de respeitável família. A bondade dos Barões e de Dona Isolate, especialmente, protegem-se aqui